

# PAUL RICOEUR, ÉTICA E VIDA URBANA: LEITURAS CRUZADAS<sup>1</sup>

Hélio Salles Gentil  
Universidade São Judas Tadeu

**Resumo:** O artigo procura formular algumas questões iniciais sobre as relações entre as condições contemporâneas da vida urbana e a reflexão ética. Toma como referência as elaborações de Paul Ricoeur sobre o ser humano e suas dimensões éticas, interrogando-as por sua vez a partir dessas condições de vida.

**Palavras-chave:** Ricoeur, ética, vida urbana.

**Abstract:** This paper aims to put some basic questions concerning mutual implications between contemporary urban life and ethics inquiry. It takes bases on Paul Ricoeur investigations about human being and his ethics dimensions; in its turn, it proposes questions to these elaborations of Ricoeur starting from that life condition.

**Keywords:** Ricoeur, ethics, urban life.

A vida urbana a que nos referimos em nosso título diz respeito à existência em um determinado espaço que é ao mesmo tempo físico, simbólico e imaginário – espaço delimitado em um território, estruturado de forma significativa por meio de símbolos e discursos significativos, configurado em imagens, fantasias e devaneios repletos de desejos. Vida nas cidades, vida das cidades, aglomerações de pessoas com múltiplas dimensões, repleta de contradições e possibilidades. Espaço de heterogeneidade, de aventura e de libertação, espaço privilegiado para a convivência da diversidade, para o exercício da democracia.

Alguns dirão ser esta imagem da vida urbana uma idealização, uma construção mítica, uma visão parcial no melhor dos casos. Ora, é bom lembrar que urbanidade já foi também sinônimo de civilidade, respeito ao outro, cortesia, boas maneiras no trato com o outro, afabilidade. Hoje a vida urbana parece evocar antes a violência, dificuldades sem fim, quase que uma impossibilidade de vida. E, no entanto, a maior parte das pessoas, em

---

<sup>1</sup> Este texto serviu de base para a apresentação feita no V Congresso Ibero-americano sobre o pensamento de Paul Ricoeur, realizado na UNISINOS, em São Leopoldo/RS, no período de 06 a 08 de novembro de 2017. Agradeço a generosa acolhida dos organizadores, em particular ao professor Luiz Rohden, e as questões e observações então feitas pelos colegas, que muito contribuíram para ampliar as perspectivas de desenvolvimento futuro das interrogações aqui colocadas.

porcentagem ainda crescente, vive nas cidades, em grandes cidades ou em cidades que não param de crescer, cidades em processo de transformação.

É relevante para a reflexão ética a consideração desse espaço urbano, a consideração da experiência urbana? Coloca essa experiência determinações específicas para a intenção ética de uma “vida boa, com e para o outro, em instituições justas”, na conhecida formulação de Ricoeur? Ou essas determinações são circunstanciais, empíricas, do domínio da prática, em nada afetam os princípios éticos e não concernem à ética enquanto reflexão filosófica?

Mas não é da vida, da experiência do mundo, de si-mesmo e do outro, que nascem as interrogações éticas? Este si-mesmo que no exame de Ricoeur em *Soi-même comme un autre* constitui-se como sujeito que fala, que age, que conta histórias e avalia moralmente suas ações, sujeito que se orienta, que delibera e decide sobre suas ações e seu projeto de vida segundo uma série de valores, inclusive valores éticos e morais, este sujeito que encontra sua identidade em suas ações e nas obras que produz, na narrativa de sua história entremeada a outras histórias e ao grande tecido da história da humanidade, não encontra esse sujeito na experiência urbana, na experiência de viver num espaço urbano, determinações para si-mesmo, para sua identidade, para seu posicionamento ético?

Em uma conferência publicada em 1984<sup>2</sup>, refletindo sobre os “fundamentos da ética”, interrogando-se sobre “o que é que constitui um problema ético”, Ricoeur escreveu:

É preciso destacar aqui que cada projeto ético, o projeto da liberdade de cada um de nós, surge no meio de uma situação que já é *eticamente* marcada; as escolhas, as preferências, as valorizações já tiveram lugar, estão cristalizadas nos *valores* que cada um encontra no despertar da vida consciente. Toda práxis nova se insere numa práxis coletiva marcada pelas sedimentações das obras anteriores dispostas pela ação de nossos predecessores (RICOEUR, 1984b, p.65).

Não é a cidade o produto mais destacado dessa práxis coletiva, a sedimentação principal ou ao menos aquela com que mais imediatamente tem de se haver cada novo sujeito que vem ao mundo? Esse espaço construído, material e simbolicamente construído, não é marcado eticamente? Não constitui o solo sobre o qual e a partir do qual cada liberdade ergue seu projeto?

---

<sup>2</sup> Paul Ricoeur, “Fondements de l’éthique”, in *Autre Temps: les cahiers du christianism social*, n.3, 1984, p.61-71.

Este solo tem sofrido, no entanto, abalos sísmicos profundos, a ponto de alguns autores chegarem a nomear nossa era como já sendo a era da “pós-cidade”. Dissolve-se aquela cidade “ideal”, como escreveu Olivier Mongin em 2005<sup>3</sup>:

Seja nas cidades europeias ou naquelas situadas noutros lugares do planeta – Cidade do México, Istambul, Cairo, Xangai, Manila ou Buenos Aires – o futuro urbano não permite ceder ao idealismo de uma cidade democrática que, protegida e invulnerável, não sofreria os choques da globalização no plano territorial. Este inverte as tendências de longo alcance, favorecendo o primado dos fluxos sobre os lugares, a privatização em detrimento da vida pública, e privilegiando a separação, o desmembramento ou o abandono (MONGIN, tradução de 2009, p.139).

Este “sistema urbano globalizado que privilegia as redes e os fluxos”, destaca Mongin, contribui para “distinguir os lugares entre si, hierarquizá-los e, sobretudo, fragmentá-los”, promovendo, não exatamente o fim dos territórios, mas antes uma imensa “reconfiguração territorial”, incluindo-se nesta a construção de uma “cidade virtual” que pode estar “num lugar qualquer”, gerando uma “indiferença ao real mais imediato, ao ambiente, à proximidade” (MONGIN, 2009, p.237).

Muitas questões se colocam: quais são os desafios que essa nova condição urbana coloca para a reflexão ética? Quais são as suas implicações éticas? Que lugar tem a ética nesse mundo? É possível reconhecer um *ethos* próprio a essa nova urbanidade? O que caracteriza essa nova experiência urbana e o que ela “dá a pensar” em termos éticos?

Uma interrogação que se abre aqui em duas direções: por um lado, pode-se colocar a pergunta na direção do que as reflexões éticas de Paul Ricoeur nos permitem pensar, nos ajudam a pensar, sobre essa nova condição da existência humana. Por outro lado, somos levados a interrogar também sobre como considerar a perspectiva ética de Ricoeur nessas condições específicas de vida. Mais fortemente, o que essa nova condição urbana nos exige pensar da perspectiva ética enunciada por Ricoeur em termos de uma “intenção de vida boa com e para os outros em instituições justas”? Os sujeitos ainda são capazes de imputabilidade, no sentido de reconhecerem-se como autores de suas ações e se responsabilizarem por elas? A estima de si que advém do reconhecimento de si mesmo em suas obras e ações avaliadas como boas, segundo padrões de excelência estabelecidos culturalmente, “ideais de

---

<sup>3</sup> MONGIN, O. *A condição urbana: a cidade na era da globalização*. Tradução de Leticia Martins de Andrade. São Paulo: Estação Liberdade, 2009 (Paris, Éditions du Seuil, 2005).

perfeição comuns a uma coletividade”, não demanda certa permanência, certa durabilidade, certa continuidade no compartilhamento com outros sujeitos de um espaço comum?<sup>4</sup>

Das muitas perspectivas com que se pode abordar a cidade, dois polos extremos seriam, um, o da observação de fora ou do alto, que olha para ela como objeto, como estrutura, como maquete, ao modo do urbanista ou planejador, com a perspectiva de uma totalidade, apreensão à distância; outro, o do seu habitante, o que olha para ela de dentro, percorrendo suas ruas, experimentando-a com todos os seus sentidos, com uma perspectiva sempre parcial e mutante, ao sabor dos dias e dos humores. Evidentemente, o trabalho do planejador urbano tem importantes implicações éticas, desde os princípios que regem suas escolhas para o desenho da cidade que propõe até as consequências de suas escolhas para a vida cotidiana de seus habitantes. No entanto, interessa-nos aqui a experiência urbana daquele que vive na cidade, que a experimenta com a totalidade de seu corpo e de seu espírito, que tece nela sua história de vida, que encontra nela o seu lugar. Encontra?

Uma das características mais destacadas da nova condição urbana, esta que se configura a partir do final do século XX com as revoluções tecnológicas da informática e as novas formas de globalização a elas associadas, é a de que “os fluxos se sobrepõem aos lugares” com uma nova força – essa prevalência já estava em estado nascente no final do século XIX. São os grandes fluxos de capital, transportes e telecomunicações por todo o planeta que “condicionam a organização das entidades urbanas”, aponta Mongin (2005, p.137), tirando a autonomia das cidades, submetendo-as a pressões externas, desfazendo mesmo suas unidades.

Em contraposição à cidade “clássica”, que estabelecia fronteiras nítidas entre o dentro e o fora, entre o campo e a cidade, entre o público e o privado, e que, na compreensão de Olivier Mongin, como “espaço finito” tornava possíveis “trajetórias infinitas”, o que se tem hoje é um “urbano generalizado” – é um desafio, nota ele, encontrar as noções apropriadas a essa nova condição – “um espaço ilimitado que possibilita práticas limitadas e fragmentadas” (2005, p.48). Em contraposição à integração, solidariedade e segurança proporcionadas ou prometidas pela cidade enquanto espaço comum, um lugar a que se podia pertencer, em que se podia ser reconhecido, temos a separação

---

<sup>4</sup> Richard Sennett Já destacou os efeitos dessa ausência de durabilidade ou permanência em sua investigação das transformações do mundo do trabalho do final do século XX, apontando como a característica determinante do “não há longo prazo” traz graves consequências para o caráter do trabalhador, qualquer que seja sua posição na hierarquia das organizações. Cf. SENNETT, R. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Tradução de Marcos Santarita, São Paulo, Record, 1999.

de grupos e comunidades pelos fluxos, pela importância da velocidade, pela prevalência da circulação e do movimento em detrimento dos lugares.

Corre-se sempre o risco da comparação nostálgica com uma figura mítica, idealizada, de uma cidade que teria existido no passado. Se há um modelo imaginário de referência, uma cidade ideal ou um tipo-ideal de cidade, é preciso saber usá-lo, desmitificá-lo, dar-lhe o devido lugar. Manter um parâmetro de comparação apenas para melhor apreender as características contemporâneas, sem transformá-lo na assombração de um paraíso perdido. As potencialidades das grandes cidades modernas, as possibilidades de vida criativa que elas abriram na história, são amplamente reconhecidas, sem que seja necessário ignorar suas contradições e suas dimensões catastróficas.

O fluxo dos transportes nos oferece figuras relevantes, reveladoras dessa nova condição urbana. Consideremos não o transporte de mercadorias, cada vez mais ágil e preciso, “*just in time*”, mas o transporte e o fluxo das pessoas por carros, ônibus e trens metropolitanos, sob o imperativo de seus horários a cumprir. O que estes veículos e seus modos de funcionamento nos dizem, o que nos permitem pensar em termos éticos? No urbano generalizado, de espaços estendidos e distâncias ampliadas, dificilmente alguém faz seus rotineiros trajetos cotidianos a pé, simplesmente caminhando. A vida se isolou em ilhas, vai-se de uma ilha a outra “encapsulado” em máquinas de transporte, sujeitos blindados dentro dos carros, amontoados dentro de ônibus e trens metropolitanos. O espaço entre essas ilhas não devia existir, não existe, está esvaziado, abandonado, desertificado. Não se presta atenção nele, busca-se atravessá-lo o mais rapidamente possível – uma das facetas da indiferença aos lugares, essa indiferença que não é só a dos grandes fluxos do capital financeiro, que é também incorporada pelas pessoas em sua vida cotidiana, moldando sua experiência, sua subjetividade e sua identidade. Se no carro a indiferença é alimentada pelo isolamento atrás de lata e vidro hermeticamente fechados, nos ônibus e nos trens a indiferença é alimentada pelo amontoamento, pelas barreiras psíquicas e físicas que se tem de erguer na própria sensibilidade para suportar a invasão da proximidade excessiva na superlotação dos veículos.

Seriam apenas circunstâncias externas que não dizem respeito à ética? Seriam, numa das perspectivas, aquelas condições práticas concretas em que se deve exercer a sabedoria prática, o juízo em situação a partir das normas morais e da intenção de uma vida boa, aplicando-se os princípios éticos fundamentais estabelecidos pela reflexão? Ora, que tipo de solicitude e de reconhecimento mútuo podem se estabelecer nessas circunstâncias? Que hábitos esse fluxo e essa determinação dos espaços promovem? O

posicionamento ético de levar em consideração o outro é apenas um posicionamento de resistência contra todas essas circunstâncias?

Ainda no início do século XX Georg Simmel já não apontava o desenvolvimento da atitude *blasé* como uma proteção contra o excesso de estímulos da vida urbana nas metrópoles da época?<sup>5</sup> Como considerar eticamente essa blindagem de um lado e este amontoamento de outro? Dessa “indiferença ao real mais imediato, ao ambiente, à proximidade” a que já nos referimos antes, o que pensar em termos éticos? Que implicações tem ela para uma existência ética? Escreve Mongin, citando François Choay para estabelecer o ponto que nos interessa aqui:

Se admitimos que a relação corporal com um espaço representa um valor antropológico fundamental, daí resultam duas consequências. “Em primeiro lugar, [citação de Françoise Choay por Mongin] o espaço orgânico local não pode ter um substituto: ele não é substituível pelo espaço operativo do território: esses dois tipos de ordenação são complementares. Em segundo lugar, o espaço em escala humana, e a dupla atividade dos que o fabricam e dos que o habitam, constituem nosso patrimônio mais precioso.” Não nos livramos, mesmo em nome da revolução global em curso, do real, do corpo e do desejo de habitar um lugar, do corpo a corpo com o mundo! (MONGIN, 2005, p.238)

Dessa perspectiva pode-se pensar então que tal ordenação espacial é um tipo de violência, instaura uma violência contra os sujeitos em sua existência corporal, justamente uma daquelas violências a que as normas morais e as leis vêm se opor e tentar evitar. No plano da organização social, da coletividade instituída em uma unidade reconhecida como tal, abarcando todos os seus membros, a instituição da justiça deveria impedir tal violência, proteger seus cidadãos contra ela. A inexistência de tal unidade e de tal instituição colocam desafios éticos e políticos de grande porte.

Mas atendo-nos ainda ao plano da experiência urbana cotidiana, o que tem acontecido com essas normas morais no fluxo cada vez mais acelerado da vida urbana? A mesma fragmentação do espaço pelos grandes fluxos, como o das vias expressas a cortar bairros e separar pessoas<sup>6</sup>, pode ser reconhecida no terreno moral. A moral também se fragmentou e se particularizou, não engloba a totalidade dos habitantes do “urbano generalizado”, não é comum a todos, como também não o é o espaço de uma cidade.

---

<sup>5</sup> SIMMEL, G. “A metrópole e a vida mental” in Otávio G. Velho (org.), *O Fenômeno Urbano*. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. Rio de Janeiro, Zahar, 1976, p.11-25.

<sup>6</sup> Sem esse foco na moral, investigando as formas de vida da modernidade, o livro de Marshall Berman descreve esse processo de modo muito claro, vívido e significativo, no seu último capítulo, dedicado às ruas de New York no século XX. Cf. BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, 2ª ed. de bolso, com novo prefácio, 2007.

Ora, essa diversidade sempre foi própria da vida urbana moderna, a heterogeneidade das pessoas e de suas referências era uma das virtudes da grande cidade, a enriquecer a experiência de seus habitantes justamente por esse contato com o diferente<sup>7</sup>. O que mudou? A moral agora, particularizada, é até mesmo motivo ou justificativa para uma violência contra o outro, para a exclusão do outro. A unidade desfeita da cidade, transformada em urbano generalizado sem limites, desfez ou foi acompanhada pela dissolução de uma unidade moral, se assim se pode dizer, que abarcava o todo da vida urbana. Não que não houvesse conflitos, até mesmo violentos, entre diferentes grupos ou classes sociais habitantes da mesma cidade; não que não houvesse segregação de grupos ou classes sociais no espaço urbano. O que talvez tenha se dissolvido – ou nem tenha se instituído na sociedade brasileira – sejam os princípios da igualdade fundamental de todos os homens e da universalização de seus direitos. Parece cada vez mais claro que a ignorância ou recusa desses princípios está sendo alimentada pelo cotidiano da vida nas grandes cidades, pela indiferença aos lugares em que se está efetivamente, de corpo presente.

Dois outros fenômenos, de vastas implicações éticas, se fazem também presentes nessa vida cotidiana: por um lado, a quase onipresença das telas, a absorver a atenção dos sujeitos, a levá-la para um outro mundo, o mundo virtual – ainda que, como apontou Mongin na citação anterior, não sejamos capazes de nos livrar completamente do corpo e de sua inserção num mundo real. Mesmo considerando que este mundo já é sempre estruturado simbolicamente e permeado pelo imaginário, a atenção absorvida pela tela distancia o sujeito de seu entorno, o coloca numa posição de indiferença em relação aos seus próximos: uma atitude que tem se tornado habitual, nada virtuosa.

Por outro lado, veiculado por essas mesmas telas, há todo um discurso sobre as cidades, sobre a vida urbana, que tece e alimenta a percepção e compreensão dos sujeitos de sua própria vida e de sua própria experiência, moldando-a de certa maneira. É com essas narrativas que ele entretece sua própria narrativa, sua própria história, sua identidade como mostrou Ricoeur, preparando seu próprio posicionamento no mundo. Cabe uma análise dessas narrativas e de suas implicações éticas. Sem aprofundamento, pode-se constatar o quanto elas enfatizam a dimensão da violência dessa vida nas grandes cidades. E apontam, ao mesmo tempo, para uma solução também

---

<sup>7</sup> Cf. a riqueza dessa experiência no belo desenho dela traçado por Marshall Berman em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, op.cit. E suas possibilidades ampliadas pelas narrativas de ficção nos livros de Richard Kearney (*Strangers, Gods and Monsters: interpreting otherness*. London: Routledge, 2003. *On stories*. London: Routledge, 2002.) e Hélio S. Gentil. (*Para uma poética da modernidade: a arte do romance em Temps et Récit de Paul Ricoeur*. São Paulo: Loyola, 2004.)

violenta, de força, não só para essas situações mostradas em imagens escolhidas, recortes específicos e nada desinteressados do todo da vida, mas também para outros eventuais conflitos. Contribuem, de maneiras que ainda ficam por esclarecer, para afastar ainda mais as pessoas da cidade, das ruas, da vida urbana, tornando seu entorno um espaço do qual elas só querem se distanciar.

“A forma da cidade, sua imagem mental, é a junção de elementos heterogêneos”, escreve Mongin, e “é inseparável da estratificação do tempo, de uma memória que se dá ao longo de monumentos e de nomes em um percurso que se conjuga no presente” (MONGIN, 2005, p.52). Também as narrativas, históricas e de ficção, entrelaçadas, contribuem para a formação dessa imagem, tecendo juntos os elementos heterogêneos dessa experiência urbana, tecendo uma identidade coletiva, como mostrou Ricoeur, contribuindo para a formação das identidades individuais, articulando esses estratos do tempo que se acumulam numa cidade. Variações imaginativas, as narrativas de ficção permitem experimentar outras combinações, alternativas a essas narrativas fragmentadas com que a mídia alimenta a devastação do espaço urbano e de suas possibilidades de convivência democrática, apontando para outros valores, oferecendo outros horizontes. Como o faz esse pequeno fragmento do romance de Ernesto Sábato, *Sobre heróis e tumbas*, com que encerramos o trabalho:

Sentou-se num banco, perto da estátua de Ceres, e ficou imóvel, entregue a seus pensamentos. “Como um bote à deriva num grande lago aparentemente tranquilo, mas agitado por correntes profundas”, pensou Bruno [...] Melancólico, imaginava-o no velho parque, com a luz crepuscular demorando-se sobre as modestas estátuas, sobre os pensativos leões de bronze, sobre as calçadas cobertas de macias folhas mortas. Nessa hora em que se começa a ouvir os pequenos sussurros, em que os grandes ruídos vão se retirando, assim como no quarto de um moribundo se apagam as conversas barulhentas demais; e então, o rumor da fonte, os passos de um homem que se afasta, o gorjeio dos pássaros que não param de se acomodar em seus ninhos, o grito distante de um menino, começam a ser notados com estranha gravidade. Produz-se nesse instante um fato misterioso: anoitece. E tudo é diferente: as árvores, os bancos, os aposentados que acendem uma fogueira com folhas secas, a sirene de um navio na Doca Sul, o eco distante da cidade. É a hora em que tudo entra numa existência mais profunda e enigmática. E também mais inquietante para os seres



solitários que nesse momento permanecem calados e pensativos nos bancos das praças e dos parques de Buenos Aires.<sup>8</sup>

## Referências

- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, 2ª ed. de bolso, com novo prefácio, 2007.
- GENTIL, Hélio Salles. *Para uma poética da modernidade: a arte do romance em Temps et Récit de Paul Ricoeur*. São Paulo: Loyola, 2004.
- KEARNEY, Richard. *On stories*. London: Routledge, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Strangers, Gods and Monsters: interpreting otherness*. London: Routledge, 2003.
- MONGIN, Olivier. *A condição urbana: a cidade na era da globalização*. Tradução de Leticia Martins de Andrade. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- RICOEUR, Paul. “Les fondements de l'éthique”. In: *Autre Temps: les cahiers du christianism social*, n.3, 1984, p.61-71.
- \_\_\_\_\_. “The human being as the subject matter of philosophy”. In: Kemp, P. and Rasmussen, D. (ed.), *The Narrative Path*. Cambridge (MA), The MIT Press, 1989, p.89-101.
- \_\_\_\_\_. *Temps et Récit I, II, III*. Paris: Seuil, 1983, 1984, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Du text à l'action: essais de herméneutique II*. Paris: Seuil, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.
- \_\_\_\_\_. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.
- SÁBATO, Ernesto. *Sobre heróis e tumbas*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo, Planeta De Agostini, 2003, p.15-16.)
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Tradução de Marcos Santarita, São Paulo, Record, 1999.
- SIMMELL, Georg. “A metrópole e a vida mental” in Otávio G. Velho (org.), *O Fenômeno Urbano*. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. Rio de Janeiro, Zahar, 1976, p.11-25.

---

<sup>8</sup> SÁBATO, E. *Sobre heróis e tumbas*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo, Planeta De Agostini, 2003, p.15-16.